

Identificando práticas pedagógicas inclusivas na sala de aula

 Amaralina Miranda de Souza *

Resumo

Este artigo apresenta dados parciais de uma pesquisa realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa “Alfabetização: reflexões sobre a formação continuada de professores e resultados de aprendizagem”, vinculado à Universidade de Brasília/UnB. A presente pesquisa objetivou identificar as práticas pedagógicas inclusivas em duas classes de Integração Inversa de alfabetização, em duas escolas da rede pública do Distrito Federal. A presença de alunos com Necessidades Educacionais Específicas (NEEs) em turmas do ensino regular traz à escola novos desafios, principalmente no sentido de terem que se adequar para responder à diversidade de demandas educacionais de todos os seus alunos. A metodologia deste trabalho, de caráter qualitativo, utilizou como estratégias: a observação participante; a aplicação de questionário e a realização de entrevistas semiestruturadas com as professoras das duas salas (regular e de recursos multifuncionais), com os gestores das escolas, com os coordenadores das respectivas Regionais de Ensino, e com os pais. Também utilizamos a análise de documentos institucionais e dos registros da trajetória de aprendizagem dos estudantes com NEEs pesquisados. Os resultados parciais apontam para identificação de alguns elementos que podem ser caracterizados como indicadores de práticas pedagógicas inclusivas, tais como o planejamento flexível, o uso de materiais diversificados como apoio, a organização da sala de aula e o uso de estratégias pedagógicas diversificadas para favorecer o processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos. Eles apontam também para a necessidade de reorganização da escola, da formação continuada dos professores e da organização do trabalho pedagógico, visando o atendimento à diversidade das demandas educacionais de todos os alunos que devem ser sempre considerados especiais.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas Inclusivas; Necessidades Educacionais Específicas;

Introdução

As políticas públicas brasileiras vigentes se amparam em leis e resoluções que visam à atenção para a educação inclusiva, e em seus diversos dispositivos têm prevista a garantia aos direitos de acesso à educação de qualidade para todos os alunos. Sabemos, porém, que a inclusão efetiva dos alunos com Necessidades Educacionais Específicas (NEEs) ainda encontra-se precária em muitas escolas em nosso país. Via de regra, escutamos justificativas de que a escola e o professor não estão preparados para atender a estes alunos. Esse é um argumento que não se sustenta mais, uma vez que - independentemente de qual seja a demanda do aluno - é

compromisso da escola organizar-se para receber todos os alunos e do professor preparar-se, ser proativo e buscar conhecer o seu aluno através de um diálogo permanente que o faça protagonista do seu processo de aprendizagem.

É importante ressaltar que o propósito dessa pesquisa não é fazer estudos comparativos das realidades observadas nas duas turmas, mas conhecer cada realidade, para compreender cada uma, no sentido de buscar analisar a realidade das escolas pesquisadas e favorecer reflexões a respeito da inclusão escolar dos alunos com NEEs. Além disso, essa pesquisa busca compreender em que medida a formação do professor e a organização da escola podem ser

* Amaralina Miranda de Souza é professora da Universidade de Brasília/UnB, na Faculdade de Educação, na Área de Educação Inclusiva.

responsáveis por maior ou menor consideração desse paradigma da inclusão na escola.

A pesquisa, portanto, tem como princípios norteadores: estudar práticas vivenciadas na sala de aula desses professores e analisar quais dimensões dessa prática podem ser consideradas inclusivas.

É de suma importância compreender que entre as crianças de uma turma existe um grupo que – para além das dificuldades inerentes ao sistema e das demais dificuldades sociais – apresenta necessidades educacionais específicas, e que ao longo do tempo esse grupo foi excluído por suas singularidades e, sobretudo, por causa da dificuldade da escola e dos professores em compreenderem suas potencialidades e não lhes oferecerem oportunidades concretas frente às suas necessidades educacionais. Essas crianças são plenamente capazes de aprender. Contudo, sem o apoio adequado, elas não conseguem. Embora tenham o direito à educação de qualidade, esse direito não é efetivamente atendido, e a grande maioria não consegue avançar no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

O que será que falta além do respeito aos seus direitos de crianças? Talvez professores formados e capacitados para atenderem à diversidade de demandas educacionais presentes na sala de aula? E a escola, como pode se organizar para favorecer as condições e meios para que todos aprendam? Esta pesquisa buscará, através do estudo de duas realidades observadas em classes de integração inversa, apresentar dados e discussões que possam esclarecer esse desafio que ainda enfrentamos em nossa realidade educacional, em Brasília pelo menos: exclusão escolar das crianças e jovens com necessidades educacionais específicas.

Antecedentes

Em sintonia com outras políticas de inclusão, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) integra, desde 2013, no seu programa de formação de professores alfabetizadores, a educação inclusiva como um espaço efetivo a ser trabalhado no curso que oferta em parceria com o MEC, com a compreensão de que

(...) a educação inclusiva, a educação especial, integra a proposta pedagógica da escola comum, promovendo o atendimento às necessidades específicas dos alunos.

Além disso, o PNAIC também aponta que

(...) o Atendimento Educacional Especializado-AEE deve estar contemplado no Projeto Político Pedagógico da escola (...) para colocar-se de acordo com as normas federais, estaduais e municipais. (PNAIC, 2014, p. 15)

Com o objetivo de estudar o desenvolvimento e a implementação dessas políticas, o grupo de pesquisa PNAIC/CNPq/MEC, iniciado em agosto de 2014 na UnB sob a coordenação do CEAM/CFORM, que também é responsável pela coordenação geral das ações de formação do PNAIC na UnB, passou a integrar pesquisadores e bolsistas de graduação, envolvidos com os cursos de formação de Formadores, Orientadores de Estudos e Professores Alfabetizadores da Secretaria de Estado da Educação, Esporte e Lazer do Distrito Federal.

Este projeto parte do pressuposto de que a formação de professores no contexto da educação básica, mais especificamente centrada na alfabetização das crianças, é um esforço necessário, pois tais formações tendem a favorecer a qualidade do ensino ministrado, além de serem uma das condições fundamentais para o desenvolvimento do processo escolar, com aprendizagens significativas e motivadas. O PNAIC é uma ação efetiva do MEC, em parceria com as Universidades, com o intuito de investir em pesquisa para conhecer melhor essa realidade e poder trazer oportunidades concretas para o alcance desse objetivo.

Nessa perspectiva, muitos paradigmas educacionais também sofrem mudanças significativas, conduzindo a novos olhares sobre a prática docente e a atuação do professor. Essa realidade exige que o professor reflita sobre suas metodologias a fim de verificar como estas têm realmente promovido um ensino de qualidade, que alcancem a todos os alunos indistintamente. Todas as escolas, por princípio e por obrigação legal, deverão estar preparadas para receber a todos os alunos, isto é, eles devem ser naturalmente inclusivos, e estarem organizadas para atender bem a todos os alunos. A esse respeito Mantoan (1997) comenta:

(...) As escolas inclusivas, portanto, propõem a constituição de um sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em razão dessas necessidades. A inclusão gera uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia a todos: professores, alunos e pessoal administrativo para que obtenham sucesso na escola convencional. (MANTOAN, 1997, p. 121)

A perspectiva inclusiva, que já estava integrada nos cursos de formação ofertada pela Coordenação de Formação Continuada de Professores (CFORM/UnB), foi integrada também na pesquisa e tem como princípio norteador a complementação da formação continuada do professor do ensino fundamental, com foco nos professores do bloco das séries iniciais, o Bloco Inicial de Alfabetização (BIA). Além disso, se estuda nesses cursos as práticas vivenciadas na sala de aula desses professores, analisando aspectos positivos e negativos de tal prática, nesse caso, identificando práticas pedagógicas que possam ser consideradas inclusivas.

Busca-se com isso, também, a formação do aluno da graduação e a socialização dos resultados da pesquisa, realizando devolutivas às escolas e ao sistema educativo. A partir desses dados, procura-se produzir relatórios e artigos científicos para publicações, apresentações em congressos, conferências, eventos científicos, assim como relatos de experiências e elaboração de relatórios de pesquisa, com a finalidade de atingir os objetivos gerais e específicos propostos pelo Projeto de Pesquisa/UnB/CEAM.

Metodologia da Pesquisa

Para esta pesquisa optou-se por uma metodologia de abordagem qualitativa¹. Nesse caso, ela se norteia para identificar – no âmbito das classes de integração inversa indicadas – as práticas pedagógicas voltadas para o atendimento às Necessidades Educacionais Específicas dos alunos, consideradas, portanto, como inclusivas.

O objetivo geral desta pesquisa é, justamente, investigar os elementos constituintes das práticas pedagógicas bem sucedidas em classes de alfabetização, pertencentes às quatorze Coordenações Regionais de Ensino do Distrito Federal. O recorte da nossa pesquisa, aqui explicitado, tem como objetivos específicos identificar as práticas pedagógicas inclusivas, que levam em consideração a diversidade de demandas educacionais dos alunos em duas classes nominadas de Integração Inversa, com o olhar voltado para a alfabetização de crianças com NEEs incluídas no ensino regular, para compreender a sua aproximação e /ou distanciamento com a formação dos professores das turmas pesquisadas. Objetivamos também observar a interlocução das práticas pedagógicas realizadas na sala de aula e no Atendimento Educacional Especializado (AEE) para favorecer a inclusão dos alunos com NEEs participantes da pesquisa.

Estabelecidos os objetivos, foram realizados encontros de estudos e discussões sobre o processo da pesquisa pela equipe de pesquisadores, considerando a indicação das escolas e respectivas classes e sujeitos participantes da pesquisa pelo coordenador de estudos do PNAIC e das respectivas Regionais de Ensino do Sistema de Ensino Público do Distrito Federal. A pesquisa foi então estruturada em 5 (cinco) momentos, a saber:

1. Fase exploratória: diagnosticar a realidade da escola e da classe e, assim, elaborar o plano de observações e demais estratégias para a coleta das informações a serem realizadas nessa classe e em outros ambientes relacionados da escola em que o aluno, em observação, era atendido. Nesse estágio, foi definido o recorte da pesquisa, assim como a identificação dos critérios adotados pela escola/professor para indicar a classe a ser estudada, para definição também dos elementos considerados como práticas pedagógicas inclusivas bem sucedidas, a serem observados;

2. Fase do Planejamento das ações gerais da pesquisa: a) elaboração do cronograma para realização dos procedimentos e estratégias de pesquisa; b) formalização do aceite da escola e dos sujeitos envolvidos e a autorização dos pais dos alunos participantes da pesquisa; c) análise de documentos institucionais, como Projeto Político Pedagógico (PPP), histórico detalhado do desempenho escolar dos alunos envolvidos; d), Observação simples em sala de aula (10 observações), definidas durante o semestre, para registro das práticas pedagógicas realizadas pelos professores ou professoras das turmas elegidas para a pesquisa; e) entrevistas com os sujeitos envolvidos, nos contextos pesquisados, incluindo com a família dos alunos com NEEs.

3. Realização e Acompanhamento da pesquisa no campo. Reuniões preparatórias e de acompanhamento semanais da equipe de pesquisadores (pesquisadora e bolsistas), e

reuniões quinzenais com a coordenação geral da pesquisa, com a participação de todos os coordenadores de estudo para coordenação e acompanhamento do processo global da pesquisa em realização, nas 14 Regionais de Ensino do Distrito Federal. Elaboração e validação dos instrumentos da coleta de informações e dos elementos a serem observados na sala de aula sobre a prática pedagógica da professora, em especial no que diz respeito à perspectiva inclusiva integrada.

4. Registros das observações da prática pedagógica na sala de aula. Organização das informações obtidas nos diversos registros, por meios dos instrumentos aplicados e estratégias utilizadas, como gravações das entrevistas, análises de vídeos e análises de documentos.

5. Elaboração e divulgação do Relatório Final, com os resultados da pesquisa. Análise e discussão das informações obtidas à luz dos fundamentos teóricos metodológicos estudados, para responder aos objetivos da pesquisa, produzir e divulgar, primeiro para a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, contexto maior da pesquisa e as escolas participantes e todos os sujeitos envolvidos, inclusive os pais dos alunos das turmas observadas, o Relatório Final da pesquisa e os seus possíveis desdobramentos interinstitucionais.

Por meio de um roteiro de perguntas semi-estruturadas para nortear a investigação, os pesquisadores buscaram proporcionar o ambiente mais natural possível para que os sujeitos se sentissem à vontade para relatarem experiências e suas opiniões. Os roteiros foram validados pela equipe e para cada sujeito participante foi seguida uma estratégia, a fim de abordar, de forma objetiva, as diversas percepções, pensamentos e intervenções que compõem a prática pedagógica.

O trabalho teve acompanhamento com orientações semanais da pesquisadora com as bolsistas para elaboração de instrumentos e estratégias para os contatos com docentes, aluno e pais, sujeitos da pesquisa. Além das orientações quinzenais foram feitas indicação de leituras e discussão para a fundamentação teórica básica necessária, a fim de promover uma maior segurança na observação das práticas pedagógicas inclusivas.

Contexto da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em duas classes de integração inversa, que inclui alunos com NEEs, de duas escolas públicas do Distrito Federal, indicadas pela coordenação pedagógica das respectivas Regionais de Ensino. Uma era situada na Região Administrativa (RA) de Sobradinho, na periferia de Brasília, e a outra na RA do Plano Piloto e Cruzeiro, situada na região Central de Brasília.

A **Escola 01**, localizada na Região Administrativa de Sobradinho, é uma instituição de ensino público da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Os dados de matrícula foram obtidos junto a

Secretaria da Escola, e contabilizam um total de 569 alunos, assim distribuídos por ano/turno: 1º ano matutino, 52; vespertino, 60; 2º ano matutino, 51; vespertino, 49; 3º ano matutino, 16; vespertino, 56; 4º ano matutino, 84; vespertino, 57; 5º ano matutino, 85; vespertino, 59. Nos dados sobre docentes, a escola possui 12 professores em sala de aula, considerando o atendimento aos 46 alunos especiais. Existe também o Atendimento Especializado, que é realizado na Sala de Recursos Multifuncionais e nas salas de aula Regular. A escola tem como propósito atender os alunos respeitando o tempo de aprendizagem e desenvolvimento de cada um, fazendo uso das características da pedagogia de projetos, entendendo que essa formação possibilita ao educando uma formação para o exercício da cidadania.

A **Escola 02** está localizada na região administrativa de Brasília, e também é uma instituição de ensino público da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Ela funciona nos turnos matutino e vespertino. Na época da pesquisa a escola registrava 241 alunos, sendo 121 no turno matutino e 120 no vespertino. Havia quatro classes de ensino especial com 23 alunos, sendo que três dessas classes atendem alunos com deficiência intelectual. A outra classe atende alunos com deficiência visual em processo inicial de alfabetização, mobilidade, autonomia, formação de hábitos e reconhecimento de espaço e forma, através de atividades lúdicas.

Destaca-se, ainda, no PPP dessa escola que a mesma busca apoio no trabalho coletivo, para desenvolver uma educação de qualidade que garanta a formação de cidadãos participativos e críticos. Todos os alunos do turno matutino são atendidos na Escola Parque às quintas-feiras, para realização de atividades de artes e educação física. O BIA e as classes especiais têm atendimento nas segundas-feiras e as turmas de quarto e quinto ano nas quartas-feiras.

• Perfil da turma 1 pesquisada (E.01)

É uma turma de integração inversa, formada por 28 alunos, sendo 13 meninas e 15 meninos. Três alunos da classe com NEEs inclusos, onde um aluno não tinha o diagnóstico definido. Havia alunos diagnosticados com Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), e com Síndrome de Down. Os alunos diagnosticados recebiam o atendimento especializado no contraturno, duas vezes por semana, com a professora da Sala de Recursos Multifuncionais.

• Perfil da turma 2 pesquisada (E.02)

É uma turma de integração inversa do 3º ano do Ensino Fundamental, do turno vespertino, composta por 17 alunos, onze meninos e seis meninas, cinco das quais com diagnóstico definido, recomendando necessidades educacionais específicas: dois com deficiência intelectual, um cego autista, um com TDAH e um com Síndrome de Down, que são atendidos na sala de Recursos Multifuncionais no horário inverso ao da aula, com duração de 50 minutos cada atendimento.

• Perfil da professora da turma 1

A professora da turma 1 está lotada na escola há dois anos, tem como formação o curso de Licenciatura em Letras, com Pós-Graduação em Língua e Literatura pela Universidade Estadual de Goiás – UEG, em Coordenação Pedagógica pela UnB e psicopedagogia pelo centro universitário UNINTER. Ela tem dezenove anos de trabalho na Secretaria de Educação, e tem experiência em Ensino

Fundamental - anos iniciais; em coordenação pedagógica e em séries finais- 5º e 6º ano, porém foi o seu primeiro ano trabalhando com alunos com necessidades educacionais específicas em sua turma. Foi indicada pelo seu dinamismo e eficiência na realização das práticas pedagógicas, e pelo interesse em descobrir novas formas de ensinar, notadamente para o atendimento às necessidades educacionais dos seus alunos.

Perfil da professora da turma 2

É pedagoga e trabalha nesta profissão a vinte e seis anos. Já trabalhou com alfabetização de jovens e adultos, com matemática do 6º ao 9º ano, com classe especial de Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), com classe de deficiências múltiplas, com educação infantil e com as séries iniciais do Ensino Fundamental. Foi indicada pela formação qualificada e pela experiência no atendimento a alunos com necessidades educacionais específicas, e pelo interesse em aprender e discutir novas formas de ensinar.

Procedimentos da pesquisa

Descrever as observações foi a estratégia central da pesquisa, para oferecer ao trabalho um caráter de análise crítica e referencial. Para isso, foi necessário entender o dinamismo e as características dos contextos pesquisados, respeitar as suas rotinas e, sobretudo, adequar as suas estratégias de investigação às condições ofertadas e às disponibilidades dos sujeitos colaboradores da pesquisa, em cada contexto, sem estabelecer comparações entre eles. Foi preciso também consultar documentos institucionais, tais como os PPPs das referidas escolas e os registros dos desempenhos anteriores dos alunos sujeitos da pesquisa.

Foi considerado que, para obter o resultado mais próximo da realidade dos atores pesquisados, seria importante propor condições favoráveis para tais sujeitos envolvidos. Ou seja, as observações seriam em horários e locais onde os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado (CRESWELL, 2010). Isso proporciona ao participante da pesquisa um conforto, pois estará em seu local habitual; e, ao pesquisador, uma possibilidade de análise mais ampla da rotina dos ambientes pesquisados.

Nessa perspectiva a equipe de pesquisadores definiu também a organização dos horários dos grupos, com distribuição das escolas e turmas a serem observadas. Com isso, iniciamos a pesquisa. Os pesquisadores foram às regionais formalizarem o consentimento das suas respectivas escolas, professores e gestores, para definir o calendário de realização da pesquisa.

Iniciada a pesquisa, foram realizadas reuniões quinzenais com todas as pesquisadoras, bolsistas e coordenação geral do grupo PNAIC/UnB, para relatos do trabalho de pesquisa em desenvolvimento, esclarecimentos de dúvidas surgidas no início das observações e estudos de temas voltados para o aprofundamento dos fundamentos básicos da investigação proposta pelas pesquisadoras. Isso foi de grande valia para orientar a realização das observações. No início de setembro de 2014, em encontro marcado com as gestoras da Escola 1, e em seguida com as gestoras da Escola 2, foram apresentados os objetivos da pesquisa, suas estratégias, instrumentos e calendário de trabalho; as pesquisadoras reuniram-se com a equipe gestora e pedagógica das escolas para a explicação de como iria acontecer a pesquisa no decorrer dos dias, e para formalizar um Termo para todos os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Com todos os procedimentos formalizados, e com o aceite da Secretaria de Estado de Educação do DF e das escolas e das respectivas Regionais de Ensino, realizou-se o encontro com os pais das crianças para informações sobre a pesquisa e pedido de autorização para participação do(a) filho(a). Na ocasião, todos assinaram o Termo Livre e Esclarecido, e também a autorização para uso da imagem do(a) filho(a), para fins acadêmicos. Foram realizados, quinzenalmente, encontros para estudos e acompanhamento do registro das informações coletadas, como o roteiro de entrevista e o questionário. Com as leituras feitas, buscamos obter consentimento dos sujeitos da pesquisa: com a professora da turma e do Atendimento Educacional Especializado das referidas escolas, com os pais dos alunos NEEs, com os gestores das escolas, com as coordenadoras das respectivas Regionais de Ensino, e com o coordenador local.

Em seguida, realizou-se a definição do calendário das ações da pesquisa no âmbito da escola e dos professores. Foi estabelecida a realização de dez observações na sala de aula regular com duração de seis horas cada uma, que aconteceram ao longo do segundo semestre de 2014, com registro também gravado de algumas aulas, inclusive do atendimento especializado do aluno com NEEs na Sala de Recurso Multifuncionais, nas respectivas escolas.

Foram realizados encontros de estudo e acompanhamento da pesquisa, afim de orientar e capacitar os alunos bolsistas sobre a pesquisa e incentivando-os a estudarem e se apropriarem dos conhecimentos implicados na pesquisa, para prepará-los para darem prosseguimento aos seus estudos em nível de pós-graduação. Criou-se o Caderno de Registro, o Diário de Bordo, para os registros das observações realizadas junto com a pesquisadora. As entrevistas realizadas foram degravadas na íntegra e os dados organizados serão analisados e discutidos, assim como o questionário e a análise dos documentos institucionais, para fins de conclusão do estudo e elaboração do Relatório Final da pesquisa. Tudo isso será enviado e discutido com a SEE-DF e com todas as escolas participantes e, posteriormente, será apresentado também em fóruns científicos e acadêmicos diversos. As etapas seguintes serão realizadas até o final deste segundo semestre de 2015.

Discussão dos resultados parciais

Concluída a primeira etapa, estamos na fase da análise e discussão das informações obtidas a partir da orientação da análise dos registros, identificando elementos no conteúdo das informações obtidas que levem à definição de aspectos /elementos indicadores de prática pedagógica inclusiva.

Com alguns dados parciais já conhecidos buscamos responder a seguinte pergunta: - As práticas pedagógicas observadas nas salas de aula das turmas de integração inversa podem ser consideradas como inclusivas? O que nos indicam as falas de alguns atores?

A professora da Escola 1 do segundo ano, onde realizamos as observações, expressa em sua entrevista que a sua concepção pedagógica segue as diretrizes da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, mas que nem sempre isso é fácil. Ela comenta:

No início, causou muita apreensão, pois não fazíamos a menor ideia de como acolher e trabalhar com os alunos com NEEs que iriam chegar e quais as situações que enfrentaríamos. A necessidade do conhecimento, de saber até onde poderíamos

chegar, determinar limites, estabelecer metas, acalmar a ansiedade, a aluna com Síndrome de Down traçava garatujas, recusava-se a executar comandos, era muito retraída, apresentava comportamento muito resistente e voluntarioso e eu cedia constantemente aos seus apelos (choros, pequenas birras...), muitas vezes, era eu quem fazia as tarefas que solicitava a ela que executasse (pegar material, buscar lanche, etc). Foi em meio a essa crise que surgiu o PNAIC e a pesquisa orientada. Suas intervenções, sua participação, sugestões, olhar foram fundamentais para que eu direcionasse a minha prática a fim de possibilitar o desenvolvimento das potencialidades da aluna. Percebi que era preciso, antes de qualquer coisa, traçar limites claros, exigir que ela cumprisse com as suas tarefas sem que alguém fizesse em seu lugar. Ela passou de 'comandante passiva' a participante ativa... É emocionante hoje vê-la 'escrever' pois imita a letra cursiva e faz os traçados na linha como se estivesse realmente copiando, como os colegas fazem. Faz as tarefas de casa quando são de escrita e contagem. Ou seja, está avançando! (P1)

Com base nos registros, a aluna bolsista da Escola 1 analisa também que a professora da Escola 1 entende que todos os alunos podem aprender, a partir da própria construção do saber. Foi observado que a referida professora tem grande prestígio com a turma e tem iniciativas fundamentais para uma promover situações de aprendizagem significativa. Ela comenta:

Todas as atividades mediadas em sala de aula são bem planejadas, em sua turma que tem quatro alunos com NEEs, trabalha para atender todas as demandas, suas aulas são interdisciplinares: em um só planejamento a mesma consegue abordar matemática, ciências, oralidade, escrita, etc. (B1)

E acrescenta:

A maneira com que ela media as atividades é rápida e eficaz, os alunos aproveitam muito a diversidade de tarefas, sem apresentar nenhuma expressão de cansaço. As atividades que a professora da Escola 1 trabalha com os alunos com Necessidade Educacionais Específicas são as mesmas trabalhadas com os demais alunos, e são muito dinâmicas [...]. Mesmo com toda dificuldade inicial em trabalhar de forma inclusiva, a professora da Escola 1 sempre está aberta para críticas construtivas, sugestões e alternativas para melhoria na prática pedagógica. Pude notar

que a professora planeja sempre a sua aula com ideias criativas estratégias e com recursos diversificados para que possam atender a maioria dos alunos. Percebi também que eles fazem muitas coisas e não ficam entediados com as atividades propostas; a aula é bem dinâmica e produtiva. A sua disposição é surpreendente, pois ela consegue tirar de atividades simples estímulo para que os alunos se interessem, para que aconteçam aprendizagens significativas, correspondendo ao que se pode considerar uma prática pedagógica inclusiva. (D. bolsista 1)

A bolsista da Escola 2 que observou a prática pedagógica da professora da Escola 2 comenta:

Observei que as atividades mediadas e propostas em sala de aula pela professora da Escola 2 são riquíssimas, pois a professora trabalha de forma intensa com os alunos e tenta incluir todos. Fica um pouco explícita a dificuldade de alguns alunos, mas fica clara também a atenção da professora para atender às necessidades dos alunos. Ela está sempre atenta a todas as suas manifestações, não só às dificuldades, mas às facilidades também. Para, assim, poder criar oportunidades novas para a sua aprendizagem!! (Bolsista da Escola 2)

De acordo com os fragmentos das falas aqui apresentadas, pode-se sugerir que nas situações observadas – apesar das dificuldades e desafios relatados – registrou-se uma postura favorável em busca do desenvolvimento de uma prática pedagógica diversificada e potencialmente inclusiva que alcance a todos os alunos da turma. A esse respeito, Fernández (2004) entende que a finalidade de uma intervenção pedagógica diversificada é favorecer o maior rendimento possível de cada estudante em relação ao conhecimento e à habilidade almejados, considerando as suas características pessoais para potencializar as suas capacidades para aprender.

Buscando responder à indagação feita, se as práticas pedagógicas observadas poderiam ser consideradas inclusivas, as análises parciais e os estudos realizados até o momento apontaram para alguns indicadores que são considerados importantes para essa caracterização.

O planejamento: dinâmico e flexível

Foi possível identificar que a professora da Escola 1, ao planejar, contempla com sucesso todos os indivíduos da classe, respeitando a diversidade dos alunos em sua sala de aula. Cada qual com seu tempo e conhecimento, com um planejamento bem flexível, onde a criança possui autonomia para abordar novos temas que emergem a partir do planejamento inicial, despertando assim muito mais interesse pela atividade proposta. Então, de acordo com essa perspectiva, a professora relata em sua entrevista:

Quando planejo uma atividade de

produção de texto, por exemplo, para os alunos que ainda não conseguem produzir textos, cobro que escrevam frases tais como: Se é dia ou noite; Como está o tempo; Quem são os personagens; o que estão fazendo e assim por diante. Aos que ainda não produzem frases, peço que desenhem a história e escreva com que letra começa a história e depois faça a leitura oral da sua ilustração. (Professora da Escola 2)

Pode-se notar nessa fala uma preocupação em adaptar todo o material, para que o mesmo seja, de fato, significativo para todos os alunos da classe, o que realmente acontece durante as apresentações orais, pois todos os alunos participam e conseguem se expressar e passar a história lida. Nesse sentido, a escuta do professor é muito importante para que ele possa flexibilizar o seu planejamento, sobretudo adequar as suas intervenções às necessidades demandadas pelos alunos no momento em que as situações de aprendizagem acontecem na sala de aula.

Utilização de apoios e materiais diversificados

No tocante à escolha dos materiais para o desenvolvimento das atividades planejadas, foi observada uma dedicação das professoras de ambas as turmas para a preparação desses materiais, que consideravam cada criança em sua especificidade. Isso foi possível observar na sala da professora 2, pelo cuidado da mesma em oferecer todo um suporte pedagógico para o aluno com deficiência visual, como a máquina em Braille, livros, tabuadas e alfabetos em Braille, para a realização das atividades em sala junto com os demais alunos. A professora também sempre procurou ter livros bem ilustrativos para que os outros alunos com necessidades educacionais especiais pudessem, no momento da leitura, exercitar suas respectivas leituras e em seguida apresentar a história aos demais colegas. Foi observado que a matemática também é uma matéria muito bem explorada com os materiais confeccionados pela própria professora, em níveis diferentes. Dessa forma, todos os alunos participavam da atividade em seus respectivos níveis de aprendizagens.

Observou-se também a interlocução frequente entre a professora regente e as professoras das Salas de Recursos Multifuncionais, já que a solicitação prévia da adequação do material era sempre muito bem articulada entre elas. De um modo geral, o material confeccionado para o trabalho na sala de aula ficava pronto dentro do prazo solicitado. A professora regente se ocupava em selecionar o restante do material que seria necessário para o restante da sala executar a mesma atividade, sempre de acordo com seus níveis e tempos de aprendizagem.

Organização do espaço físico e dinâmica da sala de aula

A turma era organizada em grupos, que permitiam certa rotatividade, já que os alunos variavam de grupo diariamente. A professora fazia a mediação, quando necessária, para que cada grupo contasse com integrantes com diferentes níveis de aprendizagem. Além disso, era observada a estrutura física do ambiente, para que o aluno com deficiência visual não tivesse

sua mobilidade comprometida.

A esse respeito, foi observado que a professora utilizava certos critérios para organizar os grupos. Por exemplo: a partir de objetivos do planejamento, da heterogeneidade nos comportamentos, ou do gênero dos alunos. O intuito era favorecer a interação entre as crianças, onde os que tinham necessidades educacionais pudessem interagir com as crianças que possuíam uma maior facilidade com a matéria, promovendo uma colaboração mútua. Sempre podia haver uma nova formulação de grupos, quando outra atividade era proposta ou quando a dinâmica indicava falta de sucesso.

Estratégias pedagógicas de avaliação e acompanhamento da aprendizagem

Observou-se que a professora da Escola 1 usava diversas estratégias pedagógicas com os alunos em sala, como atividades em pequenos grupos, acompanhamento individual, atividades coletivas e exploração de níveis de conhecimento no momento da apresentação de um novo conteúdo. Essas estratégias se repetiam de forma processual. Frequentemente, a professora fazia a avaliação dos alunos durante a realização das atividades de aprendizagem.

Observamos que essas estratégias, já identificadas do ponto de vista da perspectiva inclusiva, favoreciam não somente as crianças com necessidades educacionais específicas, mas a toda a turma para realização de suas aprendizagens. Segundo Alonso, Gallego e Honey (1994), essa é uma prática que considera e respeita os estilos de aprendizagem dos alunos como uma condição natural na relação educativa e se aplica para todos, na medida em que a diversificação de estratégias e recursos pode mobilizar a diversidade de estilos de aprendizagem dos alunos presentes na sala de aula.

Considerações finais

Apresentamos aqui alguns resultados parciais da pesquisa em andamento, realizada nas duas escolas/turmas, nas

classes de integração inversa já mencionadas. Esses resultados são indicadores sobre elementos que precisamos analisar para responder aos objetivos da pesquisa, e, ao mesmo tempo, para refletir sobre o que estamos buscando compreender sobre as práticas pedagógicas inclusivas.

O trabalho de análise das informações obtidas na pesquisa prosseguirá e se concluirá em breve. O Relatório Final, como última etapa da pesquisa, será produzido, quando então se analisarão os dados à luz dos fundamentos teóricos. Possuímos o intuito de obter indicadores importantes para tornar visível a necessidade de maiores investimentos na formação de professores e de profissionais qualificados e atentos à diversidade. Focamos na possibilidade concreta de favorecer a criação de processos e estratégias de práticas pedagógicas efetivamente inclusivas para todos os alunos.

Nessa perspectiva, a nossa pesquisa buscará concluir a análise das realidades das escolas pesquisadas para favorecer reflexões a respeito das práticas pedagógicas inclusivas, e sobre a realidade escolar dos alunos com necessidades educacionais específicas. Buscamos refletir também sobre em que medida pode-se inferir que a formação do professor pode responder por um maior ou menor atenção dada a esse paradigma da inclusão nas escolas pesquisadas.

A expectativa é que, concluído esse estudo, ele possa produzir reflexões importantes que estimulem um novo olhar sobre a diferença em sala de aula, característica comum e onipresente na constituição dos sujeitos. Esperamos que a diversidade dos aprendizados em sala de aula seja considerada como princípio humano, espontâneo e natural. Esperamos que a escola se organize para favorecer o trabalho colaborativo, no sentido de favorecer o professor a criar estratégias e situações diversificadas, criativas e estimulantes para promover a aprendizagem de todos os alunos, independentemente das necessidades educacionais que apresentem. Porque as necessidades de aprendizado serão sempre específicas e, por isso mesmo, deverão sempre ser consideradas especiais. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alonso, C.; Gallego, D.; Honey, P. Los estilos de Aprendizaje: Procedimientos de diagnóstico y mejora. Bilbao: Ediciones Mensajero, 1994.
- Borges, J. Normas APA 2015. Último acesso em 28/08/2015. Disponível em <http://jforges.wordpress.com/2015/02/18/normas-apa-2015>. Acessado em 09/09/2015.
- Creswell, J. W. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto. Porto Alegre, Brasil: Artmed, 2010.
- Fernández, Samuel Fernández. Diversidad y diferenciación educativa: dos caras de una misma moneda. In: Pedagogía diferencial; diversidad y equidad. Coordinador Fernández, Carmen Jiménez Madrid-España: Pearson-Prentice Hall, 2004.
- Gento, S. Guía Práctica - Para la investigación en educación. Madrid: Sanzy Torres, 2004.
- Mantoan, M. E. Inclusão: História, Conceitos e Problematização. CFORM/UnB: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica-MEC, 2005.
- MEC-SEESP. Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade / Organizadora, Berenice Weissheimer Roth. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. 12, 2006.
- MEC-SEB, Pacto Nacional para Alfabetização na Idade Certa. Educação Inclusiva, 2014.
- OLIVEIRA, M. M. B. C. Ampliando o Olhar sobre as Diferenças através de Práticas Educacionais Inclusivas. In: Experiências educacionais inclusivas: Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade / Organizadora, Berenice Weissheimer Roth. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, p.1. Educação inclusiva. 2. Práticas educativas I. Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2006.
- SOUZA, A. M. As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na educação para todos. In: Educação em Foco: revista de educação Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Educação/Centro Pedagógico. Educação em Foco, edição especial. Fev 2015. Quadrimestral. 386 p.